

Outlook

SUPLEMENTO DE SÁBADO
DIÁRIO ECONÓMICO

03/JULHO/2010

84

“Sou profundamente inteligente”

Pedro Cabrita Reis

FeirExpo

EMBALAGEM E TRANSPORTE DE OBRAS DE ARTE
FINE ARTS PACKERS & TRANSPORTERS

TEL: 351-1-831 0660
FAX: 351-1-831 0666
LISBOA (PORTUGAL)

**Pedro
Cabrita Reis**
**“Jogo xadrez
com
a morte”**



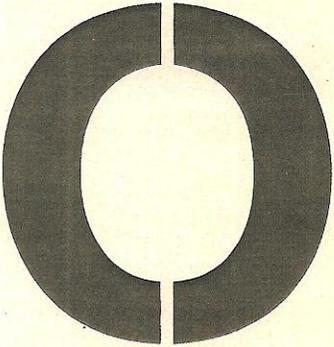


FRAGIL

Na arte não há erro
e o que vale
é a emoção. Desafia
as Belas Artes, admira
o processo
de construção, diz-se
do sul e do horizonte
porque é aí que está
a essência do homem.
Pedro Cabrita Reis,
pintor encostado
à escultura, diz-se
profundamente
generoso e conta
a sua história
imaginária.
Entrevista
de Isabel Lucas.
Fotografia
de Augusto Brázio

VIDA

Chama-se "Povo", a instalação que construiu junto ao Padrão dos Descobrimentos, uma parede de tijolo destrozada, que será destruída em Setembro. O efémero não incomoda Pedro Cabrita Reis



... onde é que íamos, então?

No fado, que está a ouvir...

Sempre ouvi fado desde muito novo, e continuo. Desde uma altura em que isso era um acto relativamente isolado. Com o tempo tornou-se uma coisa mais partilhada. Mais pessoas foram lentamente chegando até ao fado e com muita alegria minha, vi que há muitos mais novos do que eu que irromperam para o ouvir e para o cantar e isso dá-me um grande prazer.

Vai a casas de fado?

Vou, claro. Com muita regularidade.

Está informado sobre este mundo?

Não tanto quanto outras pessoas, mas tento acompanhar. Não vou ao fado todas as noites nem provavelmente todas as semanas, mas é uma coisa que me dá muito gosto.

Isso tem a ver com a sua condição de lisboeta?

Acha que sim? Não sei. Não, não é por ser lisboeta. Mas como não sou outra coisa que não lisboeta, não saberia responder na perspectiva de não ser daqui. De qualquer forma é um encanto profundo. O fado é algo fundador, desde a melodia ao som das palavras, à corporalidade da voz, em homens ou em mulheres. É uma coisa que para mim tem um encanto fundador. Não vamos agora entrar em debates da mitologia e da portugalidade, mas na sua aparente simplicidade, vem de muito fundo, de muito longe e que para mim se torna um som de referência.

É algo que faz parte da sua identidade?

É, mais do que outra canção qualquer. Só oiço fado, ou música clássica. Não tenho qualquer interesse por outro tipo de música. Popular, brasileira ou rock. Nada disso alguma vez me seduziu ou encantou. Evidentemente, uma vez ou outra... Fui com o António noutro dia ao Pavilhão Atlântico, mais por ele do que por mim, ao concerto dos Metallica, que é uma banda rock dispensável. Se me interessasse por alguma coisa do rock, seria por heavy metal. Tem uma espécie de negrura. Interiorizo isso muito como uma coisa intensa, profunda, muito negra.

Negrura tal como o fado.

Provavelmente sim. Enquanto que o fado é

um lamento solitário, é uma canção solitária, o heavy metal tem uma espécie de pulsão de grupo fortíssima. É como uma massa sem controlo, brutal e é belíssimo por isso.

O que há de comum, por exemplo, entre a música e as artes plásticas? Pode haver uma comunhão de linguagens?

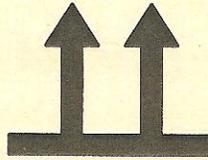
Não. Para mim não há comunhão nenhuma. Eu nunca trabalho a ouvir música. Faço as coisas todas separadamente. Quando oiço música, oiço música. Sento-me para ouvir música, como me sento para ver cinema, ou como vou para o atelier trabalhar, ou me sento à mesa para ler. Só leio à mesa. Não leio sentado nos sofás, nem na cama. Leio sentado à mesa. Tudo é objecto de estudo, seja poesia, seja um livro de pintura, seja o que me aprouver ler de momento. Foi um hábito que nunca transformei, sempre li sentado à mesa. Poderá parecer estranho... As pessoas têm tendência a dizer que eu me empenho por igual em tudo o que faço, seja de maior ou de menor alcance.

É verdade o que as pessoas dizem?

É verdade. Se eu visitar um pouco o meu comportamento, acabo por concordar com isso que as pessoas dizem de mim. Não tenho uma escala de empenhamento. É como em arte. Não se considera diferente o grau de entrega que se tem para um desenho preparatório de uma peça para uma escultura ou seja do que for e, mais tarde, a própria realização daquilo que foi previamente esboçado, primeiro mentalmente e depois no desenho.

Nesta sua exposição dividida em dois corpos, há uma parte só feita de fotografias suas, em vários tempos e em vários locais. Remetem para uma geografia e para um tempo. Porque escolheu essa abordagem para falar da impossibilidade de uma autobiografia?

Desde 1994, tenho exposto com alguma regularidade auto-retratos, desde pintados, em maior ou menor escala. Há um baixo contínuo como na música barroca, um som de fundo que sustenta e articula a criação da estrutura melódica dessa música. E neste caso, podíamos dizer que há uma linha de continuidade na representação de mim próprio que a meu ver poderia aceitar uma experiência como esta que eu fiz agora na Galeria Miguel Nabinho, com aquela exaustiva mostra de fotos feitas por outros ao longo de um percurso de mais de trinta anos. Essa presença massiva da representação do eu, feita por mim ou, neste caso, feita por outros, com referências precárias ou tentativas de restauração da memória em relação aos locais em que essas fotos teriam lugar, com a ausência do nome dos seus autores e apenas a marcação possível de alguns lugares. Naquela avalanche de imagens que são difíceis de identificar ou de individualizar, há uma transmissão, a quem vê, de um excesso de informação que é impossível reter e que, ao mesmo tempo, imagino eu, tal como o excesso de luz poderá induzir a cegueira. O excesso de informação leva-nos ao desconhecimento.



FAÇO AS COISAS TODAS SEPARADAMENTE. QUANDO OIÇO MÚSICA OIÇO MÚSICA. SENTO-ME PARA OUVIR MÚSICA, COMO ME SENTO PARA VER CINEMA, OU COMO VOU AO ATELIER TRABALHAR, OU ME SENTO À MESA PARA LER. SÓ LEIO À MESA

Podemos imaginar que aquilo é uma contribuição para o aprofundar do mistério mais do que para a revelação do personagem que está representado. Isso interessa-me.

Dá a impossibilidade da autobiografia? Sim.

E da história?

E da história porque a despeito de a circunstância de estarem classificadas por anos e muitas trazerem uma marca referente ao lugar em que teriam sido feitas, não é de forma alguma suficiente nem esclarecedora do que seria desejável para se desenhar um perfil. É uma armadilha visual e conceptual, um labirinto que faz com que ao observador lhe seja deixado apenas aquilo que ele quer imaginar e não nada do que ele possa querer saber. À parte, obviamente, as anedotas que cada fotografia conta. Aqui está na praia, ali está a beber uns copos, noutro sítio está a fazer um trabalho qualquer. O observador poderá recriar, se assim o entender, a partir daqueles dados desconexos entre si. Como fio unificador tem apenas a representação daquela personagem. Haverá pessoas que poderão sair dali a dizer que vivo metade do ano na praia, outros dirão, "mas quantos charutos é que este gajo fuma por dia?"

Preocupa-se com essa imagem que os outros possam fazer de si?

Não. De forma nenhuma. Enriqueço-me com essa multiplicidade de olhares.

Como vê a sua história?

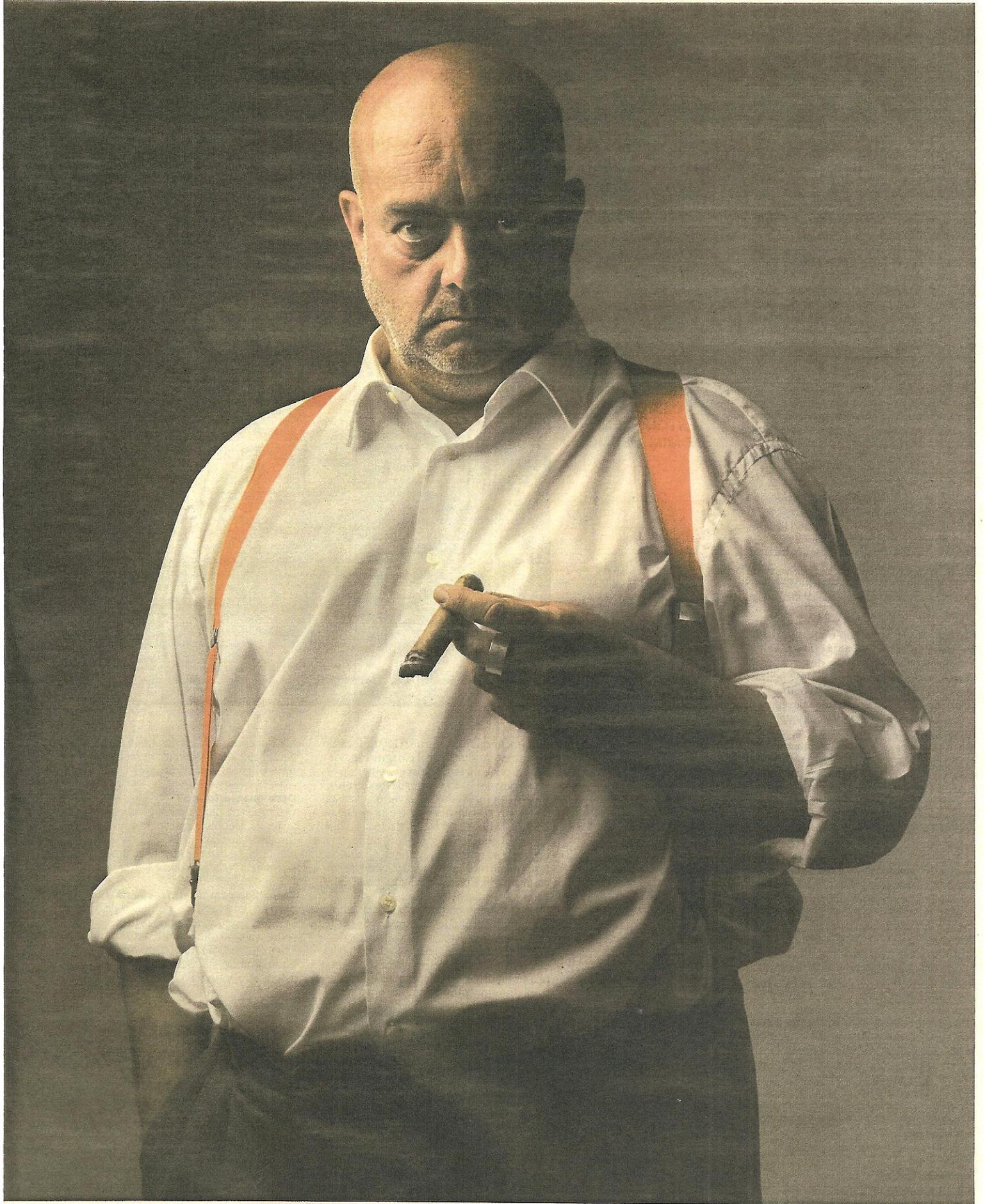
Tenho uma maior capacidade para imaginar o futuro e projectar-me naquilo que quero fazer, do que para me lembrar. Verifiquei algo que já suspeitava: a minha memória é maioritariamente constituída pela memória das imagens que tenho de mim próprio. Lembro mais das coisas que aquelas fotografias dizem, porque vejo as fotografias, do que pelo facto de ter uma memória vivida das coisas.

É capaz de fazer a sua biografia?

Imaginar, sobretudo. É uma biografia imaginária. Esperaria que fosse muito vasta, cheia de detalhes obscuros e de uma série de 'statements' sobre a minha versão com a arte e com o sacrifício inevitável de uma série de aspectos da vida pessoal para preservar a identidade de outras pessoas.

Como lida com esse lado industrial da construção. Muitas das suas peças são construídas assim...

Tenho um encanto muito particular pelo mundo da construção. É uma quintessência da presença do homem na natureza: o acto de construir. Aliás, costuma-se dizer com uma boa margem de erro que o meu trabalho está muito relacionado com a arquitectura. Discordo em absoluto. Tive já em variadíssimas ocasiões de esclarecer que há uma grande diferença entre aquilo que é arquitectura e aquilo que me interessa, que é o processo da construção. A arquitectura é uma metodologia de gestão social política dos espaços colectivos, independentemente da construção familiar. Mas a arquitectura



VIDA

ambiciona construir um modelo de cidade, fazendo a gestão política do modo como a comunidade vive os espaços. Esse é um problema que não me interessa absolutamente nada. O meu interesse foca-se na questão mais próxima da antropologia, ou da filosofia, ou ainda da poética, que é a construção, o acto primordial de pegar numa pedra e pô-la em cima de outra e começar a construir uma casa. Começar a delimitar a noção de território. O que é território do homem por oposição à existência da natureza. Esse é o fio condutor da minha ligação ao construído. É pelo acto da construção e não pelo resultado final. As portas não me interessam por fazerem parte da arquitectura; interessam-me porque são o desenho de um lugar de passagem. As paredes não me interessam por fazerem parte da arquitectura, mas porque são a projecção da imagem do humano sobre a natureza. Localizo-me e olho para o meu trabalho através do meu interesse pelo acto quase demiúrgico da construção, do edificar. A arquitectura implica uma perspectiva social e política que está distante das minhas preocupações. Encontro-me no lugar mais primordial do que do lugar da gestão do espaço. O meu lugar é o do encontro da marca do humano sobre a natureza. É encontrar a primeira pedra e geografiar o horizonte, definir onde está a árvore mais próxima e encontrar o terreno para estabelecer a marca do humano sobre a natureza. Aí tudo me interessa. Interessa-me o acaso, a sobrevivência, a gestão dos materiais que se encontram, a imaginação ao arrefio do projecto informado academicamente; interessa-me a simplicidade de colocar um pau espetado no chão e dizer: "Aqui sou eu e a partir daqui vou desenhar o perímetro do território onde viverei".

Foi assim que escolheu o sítio para construir a sua casa no Algarve.

Foi. Começou tudo a partir de uma pedra. Ela estava ali, fui buscá-la. É uma pedra extraordinária, uma laje, uma pedra relativamente plana, grande e pesada, ainda a tenho. E essa pedra coloquei-a num sítio, pus-me em cima dela, vi tudo o que queria ver e disse ao arquitecto: "Esta pedra é o chão da sala e desenha a partir daqui". Marcou-se a cota dessa pedra e isso foi o chão da sala, que era o espaço colectivo, grande, tem 120 metros quadrados. É a sala da casa. Onde se come, onde se está. Foi a partir dessa pedra que tudo se começou a construir.

Gosta de acompanhar essa construção.

Claro. As casas que se fizeram no Algarve em conjunto com o arquitecto demoraram dois anos e meio a fazer.

São duas?

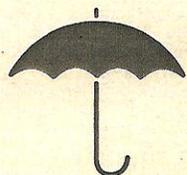
Sim. E já estamos a fazer um terceira. Foram desenhadas e pensadas durante um tempo excessivamente longo para o que é normal, porque o mais interessante foi o processo de as fazer, no papel inclusivamente, com o arquitecto, e depois em obra sofreu transformações que foram sendo aprendizagens que se acumularam e hoje há coisas que seriam feitas de modo totalmente diferente porque nos apercebemos do erros. É sempre assim.

Acontece-lhe essa vontade de corrigir nas suas obras?

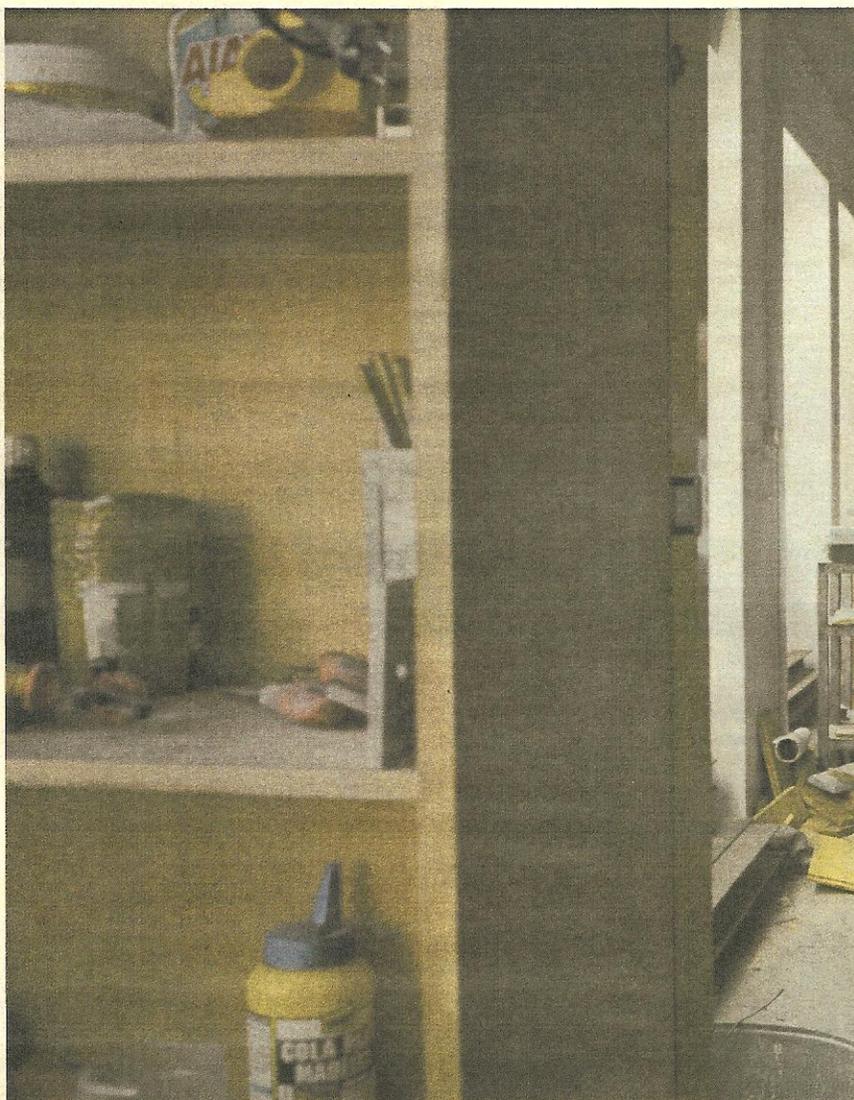
Não. As obras de arte não têm erros.

Porquê?

Porque não têm uma evolução. Não há progresso em História de Arte. Não há



**A ARROGÂNCIA
É A
CARACTERÍSTICA
DOS MEDIÓCRES.
NÃO SOU
MEDIÓCRE.
SOU BOM. SOU
PROFUNDAMENTE
INTELIGENTE
E EXTREMAMENTE
GENEROSO
E ENCANTADO
COM O MUNDO.
NÃO TENHO
ARROGÂNCIA,
NÃO TENHO
AMBIÇÕES.
ESTOU PLENO
DE MIM MESMO.**



diferenças qualitativas em Goya e Picasso ou entre o Andy Wharol e o Caravaggio. Não se pode dizer que um é melhor do que o outro só porque é mais moderno. Independentemente de haver uns artistas que dirão: "Ah não, eu faço esboços e vou para trás vou para a frente e não sei o quê". O facto é que a cada momento numa tela, é uma tela só que está a ser feita. Quando se fazem "correções" ou se transforma aquilo e se vai para outro lado, pode-se dizer que se parte de uma coisa previamente feita, mas na verdade a nova tela é uma outra questão, apesar de ser feita sobre as mesmas tintas ainda frescas de algo que se quis corrigir. Não diria que há evolução. Cada pincelada nova sobre uma tela transforma uma coisa que se tinha à frente noutra completamente nova. Ela não evolui. Ela muda radicalmente de natureza. Por isso é que se percebe aquilo que o Picasso dizia com muita legitimidade: que começar uma pintura não é complicado, o problema é saber quando a acabar. Ela está acabada em todos os momentos em que é feita. É preciso dizer: "Agora é que é".

Sabe exactamente quando é que acaba uma peça?

Sei. O corpo sabe antes da inteligência.

O que é que sente?

Prazer puro. Escolha na sua vida os momentos de prazer e sabe do que estou a

falar. É como se o corpo encontrasse um equilíbrio, sente-se bem, percebeu. É um exultar. É uma exultação.

Dura quanto tempo?

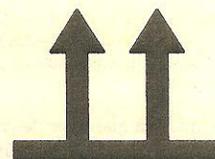
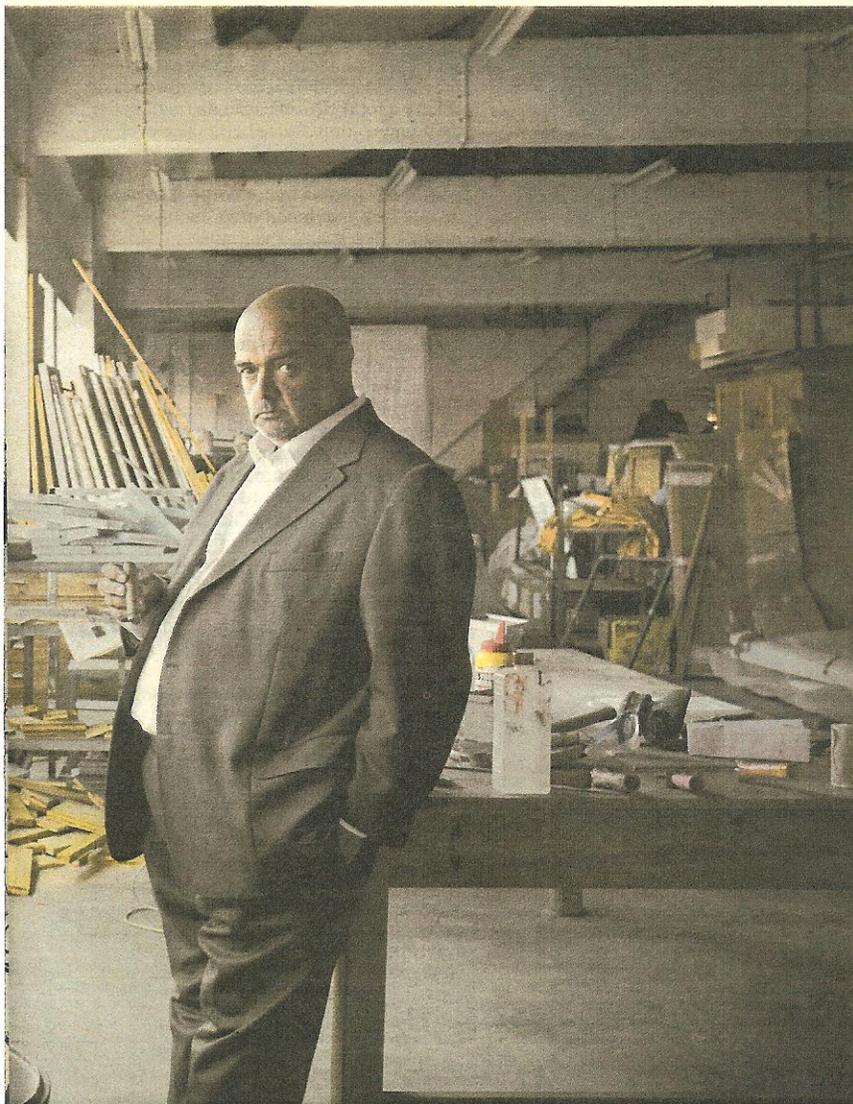
O tempo suficiente para perceber que está acabado. Depois vamos para a próxima. É uma fracção de segundo. Não pode juntar elementos e dizer: "Ah isto está acabado porque..." Não, isso não é verdade.

Como lida com a teorização da sua obra?

Não teorizo sobre as minhas peças. Falo sobre elas. Ao que os outros dizem não ligo. Talvez julgue que tenho uma arrogância muito grande; não seria a primeira pessoa a pensá-lo, e provavelmente com razão.

É arrogante?

Não. A arrogância é a característica dos mediócrs. Eu não sou medíocre. Sou bom. Sou profundamente inteligente e sou um homem extremamente generoso e encantado com o mundo. Não tenho arrogância, não tenho ambições, nada disso. Estou pleno de mim mesmo. Ainda ontem vinha de carro do Algarve, pus um disco e vinha a dançar no carro. Estava um engarramento brutal e às tantas disse para a pessoa que vinha comigo: "Eu de facto não tenho 53 anos." Em todos nós há um momento em que olhamos para trás e não sentimos que nos tenhamos



CONVENCER UM PEDREIRO A FAZER UMA PAREDE MAL FEITA É MAIS COMPLICADO DO QUE CONVENCER UM SINDICATO A ENTRAR EM GREVE, PORQUE HÁ RAZÕES LEGÍTIMAS PARA ENTRAR EM GREVE, MAS NÃO SE PERCEBE PORQUE É QUE SE DEVE FAZER UMA PAREDE MAL FEITA

e me mantém em forma intelectualmente. É o modo como consigo criar com alguém que me é exterior e não pertence ao meu universo algo em conjunto.

É um acto de sedução.

Sim. É a quintessência do que seria o exercício da política pura: convencer o maior número de pessoas baseado numa coisa que não tem uma existência formal, que é uma ideia, a fazê-las mudar a vida, e com o mudar a vida, mudar o mundo e a história. Não há coisa mais fantástica. Convencer um pedreiro a fazer uma parede mal feita é provavelmente mais complicado do que convencer um sindicato a entrar em greve, porque há razões legítimas para entrar em greve, mas não se percebe porque é que se deve fazer uma parede mal feita. Há um processo de perversão do uso da linguagem. É preciso dar a volta ao modo como as palavras ligam as pessoas e fazê-las criar uma disponibilidade a partir do ponto de vista delas para chegarem até ao que lhes estou a dizer e se apaixonarem pelo que estão a fazer e se empenharem. As pessoas têm uma reserva algures na sua alma e no seu espírito de entusiasmo e encantamento.

E a arte tem?

A arte tem essa capacidade de ser partilhada por essas pessoas, ainda que elas não tenham nem a cultura, nem a informação, nem a experiência suficiente para perceberem todas as motivações. Mas o mais importante em arte é a capacidade de ter emoção. Se não houver essa emoção não é nenhum crítico de arte ou historiador, ou orientador de visitas guiadas que a faz amar uma pintura num museu. A única coisa que contará finalmente é que quando você sair do museu lembrar-se-á ainda da pintura, ter-se-á emocionado com ela. É isso que faz perpetuar essa coisa que aparentemente é totalmente inútil e que contudo parece ser, agora que tanto se fala de coesão social, ser um cimento que dá coesão à continuidade da humanidade, da história. Independentemente das culturas, das raças, cada um terá a sua arte, etc. Há uma reserva de emoção que é a única forma de entender a arte.

Nunca pensou fazer outra coisa?

Não. Desde os dez anos que sei que sou pintor. Sou um pintor encostado à escultura.

A outra exposição gémea, "A Casa", está na casa onde nasceu.

É verdade, a 5 de Setembro de 1956. No primeiro quarto à direita quando se entra.

E agora está transformada numa galeria de arte com uma exposição sua de desenhos. Emocionou-o voltar? Que relação tem com aquela casa?

Fiz aquela exposição para deixar de ter qualquer tipo de relação com a casa. Vivi naquela casa 17 anos, em família, com os meus pais e a minha irmã, todas as pequenas desgraças quotidianas de uma família normal. Com alegrias e tristezas e chatices pelo meio. Não era uma família muito feliz, mas acho que a maior parte das famílias não são muito felizes, mas a grande felicidade é manterem-se como tal. Vive-se com o que se tem e aprende-se com isso. Foi naquela casa que o meu pai morreu e naquela casa que a minha mãe perdeu a sua lucidez. Nunca mais lá tinha voltado depois de ter fechado a casa quando tive de colocar a minha mãe numa clínica para ser acompanhada. Passaram alguns anos e mais apercebi-me de que era uma galeria e achei curioso. E

transformado tanto assim. Teremos sempre as mesmas alegrias, as mesmas pequenas malandrices, as negruras de alma, os maiores momentos de alegria com as coisas mais estranhamente simples que nos possam acontecer e isso parece imutável ao longo da vida. As costas doem mais um bocado, custa mais a subir escadas, o cabelo desaparece, não se vê tão bem, há coisas que nos maçam e que não nos maçavam antes, mas há uma coisa qualquer interior que parece estar protegida e se mantém. Quando andava no liceu já pensava e dizia coisas exactamente iguais às que sinto hoje. Não me sinto envelhecer.

O passar do tempo não o angustia?

Angustia-me profundamente, mas não tem a ver com o tempo. Tem a ver com perda. Perda do tempo que falta. Isso é terrível.

Quando faz obras que muitas vezes são efémeras aumenta a sensação de perda?

Não tenho qualquer sentimento de perda em relação a isso. É uma coisa que quase que me permite ver-me como alguém que se transporta, que viaja, alguém que parece que tem uma característica nomádica dentro da sua própria vida. Fez a tenda agora, vai para outro sítio e está sempre vivo. E que faz coisas aqui e que desaparecem e as pessoas vivem-nas, são absorvidas, eventualmente são destruídas.

E depois fazem-se outras a seguir noutros sítios para outras pessoas. Isso enriquece-me profundamente. Dá-me uma energia muito forte. O facto de não me sentir totalmente preso ao que faço. Há coisas que faço e que quero que fiquem porque me interessa fazer assim.

O processo de construção implica lidar com pessoas que têm uma perspectiva completamente diferente da sua do que é arte. Como convence um pedreiro a fazer uma parede torta, por exemplo?

As pessoas são todas igualmente inteligentes e as que são estúpidas são estúpidas independentemente da sua classe social, da sua origem geográfica ou daquilo que fazem na vida. Em trinta e tal anos de trabalho encontrei dezenas de pedreiros, carpinteiros, pintores da construção civil, e cada um deles, à sua maneira, me ajudou a ser o que sou hoje, a fazer aquilo que tive de fazer para chegar ao sítio onde estou. Encontrei pessoas impenetráveis de mediocridade e tipos luminosos que me ensinaram coisas e dos quais eu extraí tudo o que podia de uma forma impiedosa porque é uma generosidade que me enche a mim próprio estar com essas pessoas que façam coisas assim para mim. Sempre tive uma facilidade muito peculiar em lidar com as pessoas, independentemente da maneira como elas se relacionam comigo. É uma espécie de ginástica espiritual que faço

VIDA

passados mais alguns anos, estava em Campo de Ourique e fui vê-la. Pareceu-me infinitamente minúscula em relação à ideia que tinha quando era pequeno. Lembro-me de que pintava naquela casa. Ao contrário do que é tradicional, a minha família sempre me deixou ser o que eu quis. Dava-me coisas para eu trabalhar. Lembro-me de estar ali a pintar, de ter lá os livros e tudo me parecia grande. Tinha lá um cavalete pequenino num canto e quando cheguei fiquei abismado pelo confronto, pelo choque de dimensões: a da memória e a da experiência física imediata. Sempre quis fazer algo directamente relacionado com a casa. Aqueles desenhos partem da planta e com esta exposição tirei a limpo uma série de coisas e lembrar-me-ei mais da casa se calhar, daqui a uns anos, como um sítio em que fiz uma exposição do que como o sítio onde vivi até aos 17 anos.

Foi um arrumar de emoções?

Foi dar-lhes a medida justa. As emoções não se limpam. É impossível. Continuam a persistir, mas podemos ou não integrá-las no tesouro da serenidade ou deixá-las ficar mal arrumadas da inquietação.

Esta exposição trouxe-lhe essa paz?

Trouxe-me essa paz com a casa.

A relação que tem com as casas é importante?

De facto não. Tive muitas casas e ateliers e vivo-as intensamente e desenho-as e povouo-as. Tenho sempre as casas cheias de coisas, mas o facto é que gosto de viver na rua. Tenho este atelier que é extraordinário, trabalho aqui bastante pouco, ao mesmo tempo. Muitas coisas que faço são feitas fora, em oficinas. Aqui pinto e desenho quando acho que é importante. Mas não tenho uma fixação física. Vivo bem as coisas, mas sou um tipo de raízes. Nunca viveria fora de Portugal.

Porquê?

Porque não acho que seja necessário e Portugal, apesar de tudo, faz parte do mundo.

Não acha que poderia ter outra dimensão se vivesse fora de Portugal?

Acho que a dimensão é interior. Veja a quantidade de artistas que vão a correr para os centros culturais da moda: Nova Iorque, Londres, agora Berlim.

Cabrita Reis está na moda?

Graças a Deus não e o Cabrita Reis esforça-se imenso para nunca estar na moda.

Quando diz que quer desconstruir ou ir contra as Belas Artes significa o quê?

Raramente compro materiais de Belas Artes, à excepção do papel. Procuo sempre papéis de muito boa qualidade em lojas da especialidade. Infelizmente fora do país. Tirando isso, compro sempre materiais industriais e esta é a minha forma de resposta às Belas Artes.

Disse algumas vezes que tendo nascido em Lisboa e sendo de Lisboa sente-se um homem do sul. Foi por isso que escolheu o Algarve para construir as suas casas. A sua família é do Algarve...

A parte do pai sim, a minha mãe é transmontana, mas não tenho qualquer ligação a Trás-os-Montes. Devô ter ido umas duas vezes na vida a Trás-os-Montes. Não tenho o menor pejo em assumir que a cultura do sul é a cultura.

O que é isso da cultura do Sul?

É uma cultura em que o sol queima os olhos mais do que a pele. Não é uma cultura de humidade e de musgo como a do Norte. É uma cultura de grande secura em que é preciso ter uma endurance enorme para viver com uma gota de água e atravessar o deserto. As paisagens de que gosto mesmo são o deserto e o mar. Não gosto de montanhas. Não gosto muito de verde. O deserto e o mar são o horizonte por natureza, é o final do mundo. É uma linha recta entre o céu e a terra. As montanhas são uma atrapalhão católica. É o problema da culpa, a ascensão a Deus, é uma trapalhada. Quando se chega ao céu ou ao mar é-se ou não se é pessoa e vá-se para onde se vá é tudo igual e portanto só tu podes saber, só tu te conheces como pessoa. Não tens alibis para te construíres de outra forma que não seja apenas baseado naquilo que és e o que vês. É essa a grande vantagem das linhas direitas. Não é por acaso que muita da minha pintura e escultura, de há uns anos a esta parte, seja de linhas direitas. É a presença da unidade, vertical, contra a presença da cruz.

E alguém ganha?

Não há perdidos, não há derrotas. Há o continuar e a continuação implica que uns desaparecem outros vêm, depois



SOU UM TIPO EXCESSIVO. FUMO MUITOS CHARUTOS, BEBO WHISKY, FAÇO TUDO O QUE NÃO É SUPOSTO. E SOU EXCESSIVO NAS PAIXÕES PELAS PESSOAS E PELAS COISAS E NO ABSOLUTO DESINTERESSE POR AQUILO QUE NÃO CONSIDERO IMPORTANTE

desaparecem e essa espécie de minimalismo do entendimento do mundo acaba por ser a forma mais perfeita da recusa teológica, da recusa da presença de Deus e a total entronização da fragilidade do homem como única beleza possível. É assumir essa fragilidade e essa precaridade e essa profunda pulsão para estar vivo e continuar. Não há maior corpo de beleza do que isso. Isso inclui tudo. Inclui o medo, o desespero, a vontade de continuar.

O homem sozinho sem Deus.

Sem Deus. Apenas com o horizonte. E caminhar, caminhar, estar sempre mais à frente e continuar a caminhar e fazendo coisas. Provavelmente desfalecerás a meio, mas alguém há-de continuar esse caminho. Não vejo nada melhor do que isso.

A sua relação com a morte...

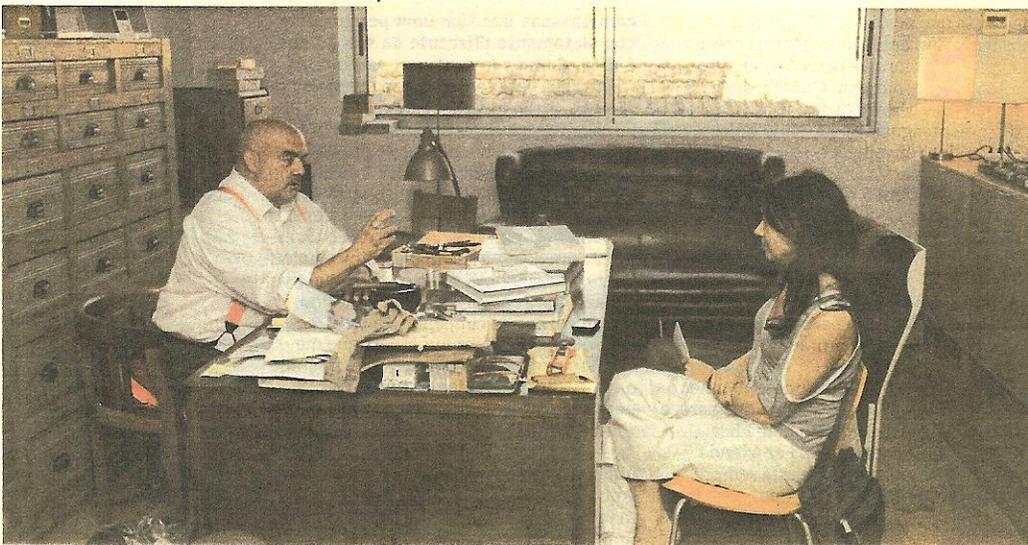
É de incomodidade por não ter o tempo todo para fazer o que gostaria e prefiro não pensar muito nisso, desafiá-la até ao último minuto, jogar xadrez com ela como no filme do Bergman, "O Sétimo Céu", ir negociando a vida, jogando xadrez e enquanto não perder... Os meus quadros pretos e brancos são os meus quadros.

E joga com ela cometendo excessos.

Há quem diga que sim.

Acha-se um homem excessivo?

Acho. Não sei como se podia viver de outra maneira. Há outra forma de ser excessivo que é ser absolutamente comedido e austero e inibido. Essa é uma forma de perversão, mas isso é mais próprio do protestantismo. Eu, não sendo religioso, fui educado no contexto católico e não praticante, mas pertenceo ao embrulho dessa natureza, e nesse aspecto nada como o excesso para poder definir a estrutura de pensamento, o excesso no horror e na beleza. Sou um desses, mais um. E sou um tipo excessivo. Fumo muitos charutos, bebo whisky, faço tudo o que não é suposto em relação à vida diária. E sou excessivo nas paixões pelas pessoas e pelas coisas e também no absoluto desinteresse por aquilo que não considero importante. Sou excessivo na curiosidade pelo mundo e pelas coisas que nele se passam e pelas pessoas que dele fazem parte, mas também sou um absoluto descartar das coisas e das pessoas que não possuem interesse suficiente para mim.



MAKING-OF

A curiosidade está-lhe nos olhos. Jamais largam o objecto ou a pessoa em estudo. Sempre de charuto e whisky conversou sobre quase tudo. Ouviu, viu, quis saber. Discurso claro, verbo fácil, numa informalidade desconcertante sem falsos pudores. Ele está imenso, no seu imenso atelier que vai ser também a sua casa em Lisboa. Construir é o seu modo de estar na vida, a par com os excessos que o tiram da mediocridade da existência. Isto enquanto ouve fado, a música da negrura que faz parte da sua identidade. Uma identidade que gosta de imaginar, mais do que contar porque a memória não é o seu forte. Prefere a imaginação